



AQUI D'EL-REI!...

SUMARIO:

Um inquerito — Monarquia ou Republica? — Os defensores da Republica — Resposta do sr. Dr. Alfredo Pimenta, jornalista republicano: — Em teoria, Monarquia e Republica equivalem-se. — A periodicidade das funções presidenciaes é um mal. — A hereditariedade tem muitas vantagens... Mas tem caprichos... — A hereditariedade sociocratica, base de um regimen *ideal* — A Monarquia é preferivel na Europa — A Republica veio para garantir a Ordem — A crise — A Republica não solveu a crise; agravou-a — Uma reacção conservadora dentro da Republica. — Bases do regimen *ideal* do Sr. Dr. Pimenta; — ditadura no poder central, consagração da diferenciação regionalista e autonomia municipal. — A questão moral. — Commentarios: — aproveitam-se as confissões uteis e contesta-se tudo o mais. — Uma frase de Bourget. — Post-Scriptum.

Autor, Editor e Proprietario

João de Amaral

* * * * Depositarios * * * *
 * * ALMEIDA & MIRANDA * *
 * * * * Comp. e Liv. * * * *
 Rua dos Poyaes de S. Bento, 135
 * * * * LISBOA * * * *

I—Em que razões de ordem sociologica, historica ou politica, assenta a preferencia de V. Ex.^a pela Monarquia ou pela Republica, como formas de Governo?

II—Qual dos sistemas lhe oferece melhor garantia de solução para a crise actual da Nação portuguesa?

Porqué?

III—A questão politica deve reduzir-se sempre a uma questão moral? Será indifferente para as nações que os Estados adoptem qualquer forma politica, logo que seja honestamente servida?

Não ha hoje nos três farrapos em que o antigo partido republicano se rasgou, seis creaturas de quem eu podesse esperar uma resposta intelligente e ampla ás perguntas que faço n'este inquérito.

Junqueiro, Basilio, Teophilo Braga e Bruno bréve se retiraram da actividade politica; e na governança do paiz ficaram apenas os caixeiros da ideia republicana, aquelles palradôres da feira publica ou larachistas de gazeta que, finda a sua missão d'angariadôres, devêram ser empalhados, para amostra, no Museu da Revolução. Claro que tal destino só ditatorialmente lhes podia ser dado, pois desde que houvesse de elege-se entre Bruno e o sr. Almeida, nenhuma duvida era licito restar-nos sobre a preferencia do povo soberano...

Ha todavia no partido evolucionista, um homem que pensa; e nin-

guem ignora que esse partido de ha muito se teria pulverisado se a colaboração assidua do Sr. Dr. Alfredo Pimenta lhe não garantisse, por essa provincia fóra, a simpatia de quantos ainda conservam a illusão de que a Republica poderá ser algum dia o regimen de paz, de trabalho e normalidade que ha tanto tempo desejamos.

Para nós outros, monarchicos, pouco faz que o Sr. Dr. Alfredo Pimenta e as cinco ou seis creaturas de valor intelectual que a Republica tem ainda a defendê-la, sejam evolucionistas, unionistas ou afonsistas. Para nós esses homens são apenas — republicanos; e no dia em que elles abandonassem os seus partidos, alheando-se da politica ou vindo para o nosso lado, n'esse dia a Republica, quero dizer todo o partido republicano, teria perdido os ultimos homens capazes de defenderem, intelligentemente, as suas ideias. Acontece, porém, que não ha imbecil barbeiro ou ferrador, que se não julgue com direito a menosprezá-los; o povo não os conhece porque elles teem a honestidade de dizer só o que pensam e querem mais ao aplauso da sua consciencia do que aos aplausos d'uma multidão inconsciente; ora baseando-se o sistema republicano no voto d'estas multidões, acontece sempre que nunca esses homens conseguem vencer, na batalha politica, a influencia de certos curandeiros de verbo facil... E o Sr. Dr. Alfredo Pimenta já tem a experiencia tristissima d'esta verdade; assim foi que todo o prestigio por elle alcançado sobre os seus correligionarios provincianos de nada lhe valeu quando, no congresso evolucionista, houve de defrontar-se com os tropos, com a eloquencia vazia do seu chefe.

Sei, porém, que estes dissabores não alcançariam nunca demover, abalar, sequer, as convicções d'um homem que em longos annos de estudo, de labor intelectual, aprendeu a dominar certas rebeldias passionaes que outr'óra fez tão maus republicanos e que já hoje tem feito péssimos monarchicos. Ao Sr. Dr. Alfredo Pimenta, só a Intelligencia poderá trazê-lo para a Monarquia. Simplesmente, o leitor dirá, pela análise cuidadosa da sua resposta, tão cheia de duvidas e ao mesmo tempo tão cheia de certezas preciosissimas, se eu tenho ou não razões para

esperar que a sua Inteligencia acabe de levá-lo para onde o empurram, desde ha muito, a ingratição, a vilania, e a imbecilidade dos seus cor-religionarios.

A resposta do Sr. Dr. Alfredo Pimenta

Meu presado Amigo:—Se me fizessem aqui ha perto de 4 annos as perguntas que o meu amigo acaba de formular-me, eu dar-lhes-ia uma resposta, não digo totalmente diferente, mas, em certos detalhes, nada secundarios, até certo ponto outra do que aquella que vou expôr-lhe. E' que trez annos e tal de experiencia republicana ensinaram-me mais do que eu se passasse uma existencia inteira sobre pesados e volumosos tratados de Sociologia. Os homens, as coisas, a psychologia nacional, a força dos partidos, tudo isso se me encontra amplamente esclarecido por estes trez annos de experiencia. Eu era, antes de proclamada a Republica, um republicano conservador, querendo uma República que fosse de todos e para todos os portuguezes e que assentasse num insophismavel sistema de competencias, um regime, emfim, que corrigisse todas as inferioridades e bizarras seleções que os movimentos revolucionarios costumam gerar. A experiencia de trez annos tem intensificado o meu conservantismo que não é mais do que uma fiel e justa expressão do tradicionalismo. Eu quero uma Republica que tenha as suas raizes no Passado nacional, que seja a imagem ampliada da alma do Passado e não tente a inutil e absurda tarefa de ser oposta ao que a nação foi. «Um dos mais perigosos erros modernos, diz Gustave Le Bon, é querer regeitar o Passado.» Já vê pois que entre a minha maneira de vêr de hoje e a minha maneira de vêr de hontem não ha opposição: aquella é a sequencia lógica desta, mais apurada, mais caracterisada sob a influencia do spectaculo diario que nos oferecem as coisas do nosso paiz.

... Mas eu vou procurar responder concretamente ás suas perguntas, pedindo-lhe desculpa de qualquer desenvolvimento que dê a alguma das respostas.

*

* *

«A' primeira pergunta formulada, respondo:— Sob o ponto de vista teorico, para mim, Republica e Monarchia equivalem-se. Ambas têm qualidades, ambas tem defeitos. Pesas e comparar as suas qualidades e os seus defeitos, no mundo da abstracção teorica, é trabalho que repugna ao meu espirito, a quem repugnam todas as canceiras metaphisicas. Mas se me perguntassem qual seria o regime ideal, e eu quizesse responder, diria que seria uma Republica que conseguisse aproximar-se o mais possivel da Monarchia, sem nunca a atingir. Nem a hereditariedade como maneira de recrutar o chefe de Estado — nem a periodicidade das funcções desse Chefe de Estado: o ideal seria o caracter vitalicio destas funcções, afastada evidentemente a hipotese da intervenção de actos criminosos que implicassem a necessidade da sua destituição. A hereditariedade é caprichosa, e as suas vantagens — que as tem e grandes — não conseguem ás vezes vencer as suas desvantagens. Para fugir ás consequencias funestas desse capricho, eu propunha, então, que o chefe de Estado sahisse doutro processo: o processo a que Augusto Comte chamou — hereditariedade sociocratica. Mas sou o primeiro a confessar as dificuldades inumeras para se atingir o estado perfeito desta solução, na brava anarchia espiritual e moral em que se debate a Europa. Ha, pois, que dar o caracter pratico, relativo, contingente, á pergunta. E nestas condições dir-lhe-hei com franqueza que se, sob o ponto de vista americano, e dada a ascendencia e o sistema intervencionista dos Estados-Unidos, a fórmula republicana é preferivel, sob o ponto de

vista europeu, e perante a acção cada vez maior da expansibilidade imperialista, preferível é a forma monarchica. Isto não impede, mesmo até pelo condicionalismo proprio da Europa, que no momento, e tal como o geraram os factos, a Portugal não seja mais conveniente o regime republicano. Entendo até que a sua pergunta é defeituosamente formulada, pois do que se trata, é de se saber qual possa convir mais, em minha opinião, a tal ou tal paiz — se a forma monarchica, se a forma republicana — e não que forma poderei preferir *eu*. E isto pela singela razão de que os motivos da minha preferencia só podem ser encontrados no exercicio que dessas duas formas de governo fazem os povos. Como a Europa é monarchica e as grandes nações da Europa não precisaram de recorrer ao regime republicano para se engrandecerem na Sciencia, na Arte, na Guerra, na Industria, no Comercio — acontece que um regime republicano dentro da Europa ou se adapta inteiramente ao espirito dos outros regimes como, em determinados lances, tem feito a França, ou se vê condemnado a um futuro incerto como a nossa Republica. De sorte que o advento de uma Republica europeia só se explica como o ultimo recurso para impedir o alastramento e agravamento de uma situação anarchica e perante a qual a força do regime monarchico se confessa impotente. Entre nós, a Monarchia deixara-se ir... E quando a superstição politica invadio os espiritos estabelecendo, em baixo, uma fundamental indisciplina, e, em cima, um desvairado panico, a Republica tornou-se uma necessidade para garantir a ordem. Foi uma valvula de segurança que se abriu, que era absolutamente imprescindível que se abrisse, não porque a consciencia nacional o exigisse, mas porque a minoria revolta creara uma força e uma audacia só comparaveis com a fraqueza e a cobardia dos politicos profissionaes dominantes então.

Solver essa crise politica era uma medida imperiosa e urgente. A Monarchia não podia solvel-a — que a solvesse a Republica. E é a sua segunda pergunta. Procurou a Republica solver essa crise? Não procurou. E só a tem agravado, só a tem irritado, a tal ponto que a muitos espiritos se afigura já uma crise definitiva...

Eu ainda quero crer que, dentro da Republica, a crise nacional poderá encontrar solução. Eu tenho fé na acção de uma forte reacção conservadora, e, se alguma coisa fosse, apoia-la-hia com todo o vigor e com toda a sinceridade.

Nós declaramos guerra á Egreja Catholica; declaramos guerra á Riqueza; declaramos guerra ao Trabalho; declaramos guerra ás liberdades públicas; declaramos guerra ao municipalismo; declaramos guerra a tudo que não fossemos nós e a tudo quanto podesse vir a ser diferente de nós. Mas suponha o meu amigo que se conseguia amanhã imprimir uma orientação diferente á Republica, e que a paz se restabelecia com a Egreja; e que a Riqueza tinha confiança na estabilidade governativa e não receiava que o arbitrio tributario a fosse magoar; e que o operariado sentia que o não ludibriavam com girandolas de retorica e que todos os cidadãos portuguezes tinham a faculdade de pensar e sentir como quizessem, dentro do justo e civilizado conceito da liberdade; e que os concelhos readquiriam a sua antiga liberdade, os seus antigos fóros; e que o vicio parlamentar se encontrava limitado, dominado, circumscripto o mais possivel;—e diga-me se não estaríamos a caminho, dentro da Republica, da solução da crise nacional, se a crise nacional comporta solução. Mas se a não comporta, meu amigo, dentro da Republica, tambem a não comporta dentro da Monarchia. O que oferecia á nação, em 5 de outubro, a Republica, que não lh'o pudesse dar a Monarchia?—pessoal novo, e com pessoal novo, processos novos. O que oferece á nação, agora, a Monarchia, que não seja possivel na Republica? Nada! Nem sequer o pessoal novo. Peioramos em 5 de outubro, talvez, não pelo acto revolucionario em si, mas porque estragamos o que nos entregaram, fazendo uso de instrumentos para que não tinhamos nascido. Mas voltar atraz, agora, era peor... Se no dia 4 de outubro, eu pudesse ter a nitida visão do que se passou de 5 de outubro até hoje, e me perguntassem se se devia fazer a Republica eu diria terminantemente que não e aconselharia a que se procurasse, dentro do regime vigente então, aproveitar todas as forças, utilizar todas as energias. E' o mesmo principio

que me inspira hoje, ao dizer que devemos todos procurar, *dentro do que está*, utilizar, o mais possível, tudo quanto é utilisavel... Com a orientação que acima indiquei e colocada a vida nacional nestas tres bases: — dictadura no poder central, consagração da diferenciação regionalista e autonomia municipal, póde o meu amigo ter a certeza de que a solução da crise estava encontrada, se é que, repito, a crise tem solução.

A terceira pergunta que me formula parece-me envolvida na primeira. No entretanto, dir-lhe-hei que não. E' indifferente o grau moral da maneira como é servida uma instituição, tanto mais que as categorias morais são multiplas e a taboa dos valores é vasta. O que não é indifferente, para as nações, é que adoptem regimens que prejudiquem interesses creados ou alterem situações estabelecidas. As nações, hoje, meu amigo, não se levam por principios morais; ou, então, a moral das nações é diferente da moral dos individuos. As nações movem-se por interesses materiaes, e não por preocupações teoricas. Um regimen que garante os interesses materiaes das outras nações é regimen consolidado. Por isso lhe disse ha pouco que uma republica na Europa é viavel se se integrar nos interesses das monarchias europeias.»

*

* *

Sei que em muitos pontos não concorda comigo. Mas sei tambem que ama, como eu amo, esta Patria. E isso me basta para saber que não interpretará d'animo leve as pobres palavras que lhe digo.

Amigo certo

Alfredo Pimenta.

Confesso ao leitor que esta resposta do sr. dr. Alfredo Pimenta me encheu de alegria e de esperança. Ha n'ela confissões preciosissimas, contradições flagrantes, hesitações de a todo o passo; ha n'ela principalmente, a perturbante confusão d'uma creatura honestissima, colocada entre as forças dominantes da sua intelligencia que o empurram para deante e as preocupações sentimentaes que o ligam ainda a um passado de democrata que todos nós tivémos, afinal. Conta-me o illustre jornalista Rocha Martins que tendo-se um dia declarado republicano perante Marianno de Carvalho, este lhe respondera bondosamente: — «Faz V. muito bem; as pessoas inteligentes são sempre republicanas até aos 24 annos; sel-o depois dos 24 annos é que já me parece estupidez...» Claro que este limite da edade se não deve tomar á letra senão como o momento da vida em que se supõe entrarem em plena florescencia as faculdades criticas d'um homem.

Logo na primeira parte da sua carta, declara o sr. dr. Alfredo Pimenta desejar uma *Republica que tenha as suas raizes no Passado e que não tente a inutil tarefa de ser oposta ao que a Nação foi*. Ora a Nação foi monarchica, e uma Republica com raizes no Passado e coherente com o Passado da Nação só poderá ser. . . uma Monarquia, tomada a palavra *republica* como uma expressão latina designando coisa publica, interesse publico, mas nunca como um sistema de governo... Eu passo todavia a analisar sem mais demora, as afirmações com que o sr. dr. Alfredo Pimenta responde directamente ás minhas perguntas.

— Ao mesmo tempo que o sr. dr. José d'Arruela, propagandista monarchico, futuro director d'um orgão da opinião monarchica, affirmava em publico, *sem ninguem lh'o perguntar*, que a Republica era uma aspiração social mais perfeita do que a Monarquia (!), — o sr. dr. Alfredo Pimenta, propagandista republicano, mentor intellectual d'um

dos partidos da Republica, declara que, sob o ponto de vista teorico, *Monarquia e Republica equivalem-se* (1).

Mas esta concessão que o sr. dr. Alfredo Pimenta me faz, se já enche de espanto os monarquicos á maneira do sr. dr. Arruela, não me basta a mim, que me prezo de ser tão monarquico como S. M. El-Rei o Senhor D. Manuel II.

Porque a verdade é esta : — O sr. dr. Alfredo Pimenta afirma que os dois sistemas se equivalem; diz que teem ambos qualidades e defeitos; todavia, não enumera nenhuma d'essas qualidades ou defeitos desculpendo-se com a repugnancia que lhe merecem as abstrações teóricas a que tambem chama canceiras metafísicas. Ora já aqui eu posso perguntar ao sr. dr. Alfredo Pimenta com que autoridade vem afirmar-nos a equivalencia dos dois sistemas se lhes não sopesou as qualidades e defeitos ?

De resto, o sr. dr. Alfredo confunde abstrações teóricas com metafísica. Nós podemos chamar teórica á construção que *deduzirmos* por *induições* d'uma larga generalidade; é o principio de Comte : induzir para deduzir afim de construir. Assim o sr. dr. Alfredo Pimenta sabe, por exemplo, que as conclusões de demopsicologia nos levam a poder formular leis que, já no campo teórico, fundamentam a superioridade da Monarquia sobre a Republica.

(1) E' com muita tristeza, que faço este confronto; mas é necessario estabelecê-lo para que se não repitam os erros d'outr'ora. Eu fui republicano; nunca me agradaram os meus correligionarios; todavia, emquanto me pareceu que a Republica era uma forma de governo superior á Monarquia, dispuz-me a combater os governantes maus ou imbecis, mas dentro d'ela; son monarquico porque me convenci do que a Monarquia é, *sob todos os pontos de vista* superior á Republica. E peço hoje aos homens em evidencia do partido monarquico que, quando não saibam fazer a *completa* defeza das suas ideias, ou não aventem afirmações levianas, ou me chamem a mim, porque estou prompto a discutil-as seja com quem fôr.

Mas eu não partilho esta fobia do sr. dr. Pimenta pela metafísica identificada com a teoria, visto como ha para mim, em Politica, uma teoria legitima que é aquella que, corroborando o testemunho do método strictamente empirico ou historico, dá por outro lado uma satisfação bastante ás necessidades de sintese do nosso espirito. E não desisto de discutir, teoricamente, o caso, porquanto o sr. dr. Pimenta apesar de lhe repugnarem as abstrações, não sómente se dispensa de referir a determinada situação do tempo e do espaço as categorias, embora historicas, de que fala — hereditariedade e periodicidade de funções, como chega mesmo a argumentar com uma categoria que nem historica se pode chamar, qual é — a hereditariedade sociocrata!

Mas o mais interessante é que o sr. dr. Alfredo Pimenta, a quem repugnam as abstrações e as canceiras metafisicas, nos fala d'um *regimen ideal!* . . Demais sabe o illustre sociologo e escritor que nunca houve nem haverá regimens ideaes: conhece-se a Republica de Platão, a Heliopolis de Campanella, os sonhos generosos do *fouriérismo*, o Falansterio e ainda a *Utopia* de Thomaz More; mas taes sonhos eram determinados por uma injustiça economica, eram um impulso sentimental de protesto. Entre a idealidade e a realidade ha a mesma diferença que entre uma ideia e um facto: — a correção da natureza aos exageros da imaginação.

Vejamos entretanto qual seria este regimen ideal: *seria uma Republica que conseguisse aproximar se o mais possivel da Monarquia sem nunca a atingir.*

E aqui tem já o leitor a segunda concessão que o sr. dr. Alfredo Pimenta nos faz. Porquanto — afirmar que uma Republica para ser perfeita se deve aproximar o mais possivel da Monarquia, é confessar implicitamente que só na fórmula monarquica se podem corrigir os defeitos da Republica.

Mas então que espécie de obstaculo o detem na lógica sequencia do seu raciocinio? Que subtileza o faz aplicar á sua dedução politica a fór-

mula aritmética da dizima? — E' a hereditariedade da realeza; e, afinal, só na hereditariedade se encontra a nossa divergencia.

O sr. dr. Alfredo Pimenta não quer a Republica tal como ella existe em Portugal e nas demais republicas do mundo. O sr. dr. Alfredo Pimenta não aceita o principio republicano da periodicidade das funções presidenciaes, provocador de continuas luctas politicas, fomentador da indisciplina social, da instabilidade governativa; prefere o principio monarchico do exercicio vitalicio do poder.

Trata-se agora de saber qual a maneira de recrutar, morto o chefe de Estado, o seu idóneo successor. Consulta-se o Povo por meio d'um plebiscito? Elege-se em Camaras? Nada d'isso! O sr. dr. Alfredo Pimenta reconhece todos os vicios d'essas mézinhas democraticas usadas até agora nos regimens republicanos. Mas tambem não admite a hereditariedade, porque isso seria declarar-se monarchico... O que faz então?

Então, posto de banda, como prejudicial o *regimen electivo*, isto é, a *base de todo o sistema republicano*, era natural que o sr. dr. Alfredo Pimenta se voltasse muito simplesmente para a *única maneira conhecida e realisada* de recrutar o chefe de Estado, — a hereditariedade pura e simples, tanto mais que elle mesmo declara reconhecer as muitas vantagens d'esse processo...

Todavia, não o faz. E porquê? — Porque a hereditariedade tem caprichos, diz o meu illustre amigo.

Já aqui eu poderia deter-me e perguntar se um homem de ideias, honesto, lido e educado nos ensinamentos da historia, tem o direito de pôr inutilmente a sua actividade ao serviço d'um regimen de que elle condemna os principios essenciaes, simplesmente porque os principios do regimen contrario, sendo melhores, sendo fiadores d'uma organização mais perfeita, — sofrem, de vez em quando, desmentidos mais ou menos perigosos!? Ninguem pôde ter a estulta pretensão de construir, sobre este mundo de imperfeições, onde tudo é fraco e transitorio diante da Única Eterna Certeza, — uma obra suficientemente perfeita para resistir ás emquscadas da Vida, aos sobressaltos e áqueles desequilibrios que a mão do

homem não consegue dominar. E, deste modo, tratando-se, para mais, d'um positivista, como o sr. dr. Alfredo Pimenta, eu não posso explicar nem o seu apêgo a uma forma de governo que é má, nem a sua relucância por uma verdade politica cuja excellencia apenas sofre desmentidas, de tempos a tempos.

Fala-nos o sr. dr. Alfredo Pimenta na hereditariedade sociocratica de Comte como a melhor maneira de corrigirmos os caprichos da hereditariedade pura e simples em que a verdadeira Monarquia se baseia. Mas logo adiante declara que tal processo de recrutar o chefe de Estado é irrealisavel. E d'este modo eu abstenho-me de discuti-lo visto como me não sobra o tempo para desfolhar fantasias, *réveries* mal cabidas n'um assumpto de tamanha gravidade como este. De resto, a resolução do problema, contido na primeira pergunta do meu inquérito, só pôde ser a que eu preconiso — O sr. dr. Alfredo Pimenta implicitamente o confessa desde que, condemnando todas as soluções republicanas, fantasia uma categoria politica sem realidade historica e sem possivel realisação, como a *única* maneira de evitar os caprichos da hereditariedade na realza, cujas vantagens aliás reconhece.

Mas ha mais! Porque se em teoria o republicano sr. dr. Alfredo Pimenta é quasi tão monarquico como eu, quando trata de dar á minha pergunta o character pratico, relativo, contingente, a sua resposta é ainda mais clara, mais precisa e preciosa. Assim escreve: «... e n'estas condições em dir-lhe-ei com franqueza que, se sob o ponto de vista americano e dada a ascendencia e o sistema intervencionista dos Estados Unidos, a forma republicana é preferivel, sob o ponto de vista europeu e perante a ação cada vez maior da expansibilidade imperialista, preferivel é a forma monarquica...»

E eis aqui, leitor, mais outra concessão do sr. dr. Alfredo Pimenta. Simplesmente, como todas as outras, ela vem cheia de reticencias, de condicionalismos que eu não quero deixar passar em julgado. Porque embora tudo, n'este mundo, seja relativo, a excellencia do regimen monarquico como verdade politica e social não é coisa tão relativa como o

sr. dr. Alfredo Pimenta pretende, ao distinguir entre a America e a Europa, achando a forma monárquica preferível n'esta parte do mundo, e a forma republicana preferível n'aquela. Assim parece-me poder afirmar, em boa doutrina que, se por um lado, na Europa, a superioridade da Monarquia está comprovada por seculos de experiencia e a incapacidade das republicas em poucos annos se demonstrou, — por outro lado, a solução republicana adoptada no Novo-Mundo está muito longe de ser um teorema capaz de resistir á contraprova a que dentro em breve haverá de sujeitá-la o natural destino d'esses paizes.

Com effeito, todas as energias dos povos americanos, recém-imersos do colonato, tem sido até hoje absorvidas pela lucta economica interna, pela exploração e povoamento do solo virgem. Mas um dia virá em que a necessidade de dar vasante a esse excesso de actividade ha-de fomentar o imperialismo norte-americano que, apesar de tudo, já apparece revelado no acrescimo do poder pessoal do presidente, e levará toda a America a uma situação identica á da Europa, situação que só a Monarquia, do mesmo modo, poderá resolver. Aos Estados-Unidos convem a preexistencia da Republica nos paizes sul-americanos do mesmo modo que á Alemanha convem a manutenção da Republica em França. O regimen intervencionista a que o sr. dr. Alfredo Pimenta se refere é, para essa Nação, uma garantia da sua hegemonia politica. O exemplo do Mexico é bem frisante; a lucta das facções politicas cubiçosas do poder, tem levado esse laborioso povo a sofrer as maiores humilhações por parte do governo de Washington; e como essas luctas são a consequencia fatal do regimen republicano que, após as campanhas presidenciaes, lança para a contra-prova das armas aquelles que o arbitrio das urnas reprovou, — os Estados-Unidos envidam todos os esforços para que se mantenha n'esses paizes o *statu quo* democratico. E quando o acrescimo do poder pessoal do presidente da União, der maior força ao imperialismo nascente, e a maior republicanisação dos outros estados fizer entrar estes na insolvencia em que se encontra o Mexico e que o Brasil já presente, — nós poderemos comprehender a que visa o regimen intervencionista da

America do Norte... Deste modo, a adopção da Republica como forma de governo, não representa uma preferencia dos povos americanos, mas antes, e quando muito, um encargo humilhante e ruinoso. E estou certo de que, perante o imperialismo nórdista, não tardará que os paizes do sul procurem na Monarquia uma condição *sine qua* do sua independencia.

Na Europa, tambem as republicas podem viver, pelo mesmo preço. E' o caso da França apontado pelo sr. dr. Alfredo Pimenta quando escreve estas palavras cuja intenção receio não perceber: «... acontece que um regimen republicano dentro da Europa, ou se adapta inteiramente ao espirito dos outros regimens como, em determinados lances tem feito a França, ou se vê condemnado a um futuro incerto como a nossa Republica.»

Não sei bem em que possa consistir esta adaptação d'um regimen republicano a espirito dos outros regimens; e parece-me que o sr. dr. Alfredo Pimenta, justificando assim a longevidade da Republica Franca, se refere ás transigencias de Kiel, á questão de Marrocos, ao pesadelo do Congo e a todas as humilhações com que o imperialismo germanico se tem pago dos males que possivelmente poderia causar-lhe a visinhança d'uma Republica.

Tem o sr. dr. Alfredo Pimenta toda a razão; assim o paiz começasse a comprehender como é que, apesar da má vontade da Europa, a *nossa* Republica se tem sustentado! Assim ele podesse vasculhar os escanos do ministerio dos estrangeiros e satisfazer depois a sua cólera no fisico d'aqueles que são apenas republicanos e que, á defeza da Republica, de bom grado sacrificam a defeza da Patria. Oh! o mysterio de Angola!

Tem o sr. dr. Alfredo Pimenta toda a a razão:—do mesmo modo que na America, uma Republica europeia só pode viver, como a França e como nós outros, á custa de humilhações e transigencias quotidianas; mas nem o sr. dr. Alfredo Pimenta, nem eu, nem nenhum portuguez honesto póde conformar-se com esta vergonha; e, perante o dilema

—Patria ou Republica, — ninguem deverá hesitar em combater a Republica para salvar a Patria! Consolidar um regimen pela satisfação dos interesses materiaes das outras nações, como o sr. dr. Alfredo Pimenta diz no final da sua carta, não é politica de patriotas; e se a Republica, para viver, precisa de fazê-lo, tratemos de matá-la quanto antes...

De resto, o advento da Republica não representou, diz o sr. dr. Pimenta, a satisfação d'uma aspiração nacional; n'este ponto estamos d'acordo. Mas tambem não constituia uma necessidade absoluta por isso mesmo que, ao contrario do que S. Ex.^a insinua, a proclamação da Republica não significava a victoria da ordem sobre o estado anarquico em que á data se vivia.

E' realmente exquisita a maneira como o sr. dr. Pimenta explica a existencia do regimen republicano em Portugal, depois de estabelecer com precisão e justiça o ambiente politico em que esse facto historico surgiu! Ninguem póde negar que a Monarquia constitucional se arrastava já mui trôpegamente, ao peso dos seus erros, das suas imoralidades e, porque não dizê-lo? dos seus crimes; necessariamente este descredito do principio dominante congregava n'um protesto anonimo, mas resolutivo e em grande parte sincero, (estava lá eu, por exemplo), os desgostos e os rebeldes de todas as classes sociaes. Esta era a crise. Como resolvê-la, ou antes, como poderia ela ser resolvida? — Dado que em todas as crises d'esta natureza, condicionadas por factores d'ordem economica, moral e politica, quasi sempre identicos, o destino tem de decidir entre o Principio dominante, historicamente, secularmente representativo da Ordem social, e incidentalmente desprestigiado, — e o principio revolucionario, principio de excepção, cujo surgimento só se justifica n'um determinado momento pathologico da vida nacional; dado que a Realeza incarnava aquele Principio da Ordem e a Republica substantivava este principio da revolução, — a crise poderia resolver-se de duas maneiras: — ou pela victoria do principio dominante, rehabilitado por meio de uma reforma de costumes politicos que o defendesse na sua intransigencia com a revolta; ou pela victoria do principio revolucionario,

mercê d'um facto criminoso, d'um conflicto á mão armada ou da transigencia dos detentores do poder.

Do segundo caso temos o exemplo na Revolução Franceza e na revolução de Outubro que deveu o seu exito menos ao triumpho das armas do que á transigencia, á mui antiga e continua transigencia dos monarchicos. Do primeiro caso temos o exemplo, em Portugal, na aclamação do Conde Bolonhez e de D. Pedro II que, em ocasiões de crise, surgiram a reforçar o poder real; e, mais precisamente, temos o exemplo de Napoleão Bonaparte surgindo da anarquia revolucionaria para restabelecer na França o principio da Ordem, derrotado em 1789 pela Revolução.

Quero eu dizer, em resumo, que nem a victoria do liberalismo em 34, nem a consequente victoria dos republicanos em Outubro de 1910, significam que a Democracia se houvesse tornado, em qualquer tempo, uma necessidade para garantir a Ordem; a historia ensina-nos, ao contrario, que estes estados sociaes são apenas o fructo d'uma transigencia, mais ou menos forçada, da Ordem com a Desordem. Curar uma doença transigindo com ella, parece-me estúpido; do mesmo modo será ingenuidade procurar resolver uma crise de indisciplina entregando aos indisciplinados a plena posse do poder. O sr. dr. Alfredo Pimenta lamenta-se de não ter advinhado o que se passaria de 5 d'Outubro para cá; tambem eu; mas levemos o caso á conta da nossa inexperiencia; por quanto, já em Outubro de 1910, o sábio sociologo León Poincard, depois de profetisar que tudo continuaria como d'antes, acrescentava: — «...vêr-se-ha apenas os violentos e os exaltados tomarem um logar muito maior, aumentando a desordem e o perigo. Quem tiver illusões sobre este assumpto, arrisca-se a ser cruelmente desenganado (1)...»

Assim foi, na verdade, porque, afinal, assim tinha de ser. E se hou-

La Science Sociale, f.ºs 74 e 75 — Le Portugal Inconnu par Léon Poincard, pg. 418, outubro e novembro de 1910, Paris.

vesse na nossa fé d'outr'óra um pouco mais de raciocínio e de intelligencia, nem eu, nem o sr. dr. Alfredo Pimenta, nem tantos outros desiludidos, estaríamos hoje a choramingar o nosso *mea culpa*...

Oh, como tudo agora se torna claro e compreensível! E como só agora compreendemos o que havia de paradoxal na nossa pretensão: — entregar á Indisciplina o encargo de matar a Indisciplina!!

E, desde modo, vemos que *tudo isto* aconteceu porque tinha de acontecer necessariamente. O nosso sentimentalismo sofreu um rude golpe; mas, graças a Deus, a Intelligencia recobra o seu predomínio...

Declarando guerra á Egreja, á Riqueza, ao trabalho, ás liberdades publicas, á tradição e cometendo, no curto espaço de três annos, todas as barbaridades e crimes imaginaveis — a Republica não fez mais de que demonstrar, um pouco apressadamente, confesso, a sua original incompetencia para resolver uma crise de que ella não era, afinal, senão a consagração suprema.

«*A Republica*, diz o Sr. Dr. Alfredo Pimenta, *só tem agravado o crise, só a tem irritado...*» Mas, acrescenta, *eu ainda quero crêr que, dentro da Republica, a crise nacional poderá encontrar solução.*» O sr. dr. Alfredo Pimenta ainda *quer crêr*... Respeitemos a sua vontade de ter fé n'uma forte reacção conservadora... Simplesmente me parece que, não tendo o sr. dr. Pimenta argumentos sérios contra o principio monarchico visto que só encontra, para supri-lo, uma forma de governo méramente ideal, e sabendo, por outro lado, que apenas nós outros, monarchicos, tentamos conscientemente, e n'uma harmonia quasi completa com as suas ideias de organização social, essa forte reacção conservadora, parece-me, repito, que é chegada a hora de S.^a Ex.^a a apoiar com todo o vigor e com toda a sinceridade, como promete... Mas esperar que ella se forme dentro da Republica, será delongar por tal forma o momento de entrar na lucta, que o sr. dr. Pimenta arrisca-se a que o publico interprete a sua espectralia como uma nova expressão do não-terales meridional. Diz-se que ha hoje um partido republicano conservador; mas estou certo de que o sr. dr. Pimenta se acha habilitado a

desmentir essa afirmação, porque melhor do que ninguém conhece quanto esse partido é diferente do que deveria ser, do que teria de ser, para ganhar a confiança dos conservadores portuguezes.

Parece ao sr. dr. Alfredo Pimenta que a Republica resolveria a crise nacional se se conseguisse amanhã imprimir-lhe uma orientação diferente, restabelecendo a paz com a Igreja, com a Riqueza, com o Operariado, restituindo ao povo as suas liberdades, aos conselhos a sua autonomia, limitando e dominando o vicio parlamentar.

Oh, o *raisonnement des si...*, como diria Sembat: — a Republica seria o ideal se .. pudesse ser o ideal. Mas demais sabe o Sr. Dr. Alfredo Pimenta que a paz com a Igreja apenas representaria a obra d'um partido transigente, obra renegada e corrigida logo que as eleições levassem ao poder o partido contrario; que a paz com a Riqueza desejada em Portugal pelo sr. dr. Pimenta e tentada na França por Barthou, duraria sómente em quanto um Caillaux portuguez, o sr. Afonso Costa, por exemplo, se não lembrasse de augmentar arbitrariamente a contribuição predial ou de inventar um novo imposto sobre o rendimento; que dentro d'uma Republica, dada a instabilidade dos governos e a falta d'um principio coordenador, alheio aos partidos, o Rei, nunca ha na obra governativa a unidade necessaria para que a Igreja e a Riqueza, vivam seguras do dia d'amanhã.

Demais sabe tambem o sr. dr. Alfredo Pimenta que a Republica é um regimen de classe, essencialmente burguez, capitalista e que nunca o Trabalho poderá esperar d'ele a protecção desejada e merecida. Demais sabe o sr. dr. Alfredo Pimenta que a verdadeira Republica, baseada no sistema electivo, não póde dar aos concelhos uma independencia e uma autonomia que na primeira ocasião se voltaria contra ela.

Demais sabe o sr. dr. Alfredo Pimenta que tudo isto é assim. Mas acontece, leitor, que o sr. dr. Alfredo Pimenta, para arquitetar as suas bondosas suposições parte do principio de que a Republica... não seria uma Republica, mas sim um regimen *ideal* assente n'estas tres bases: — *ditadura no poder central, consagração da diferenciação regiona-*

lista e autonómica municipal. Mas isto é o mesmo que nós queremos! — Com uma diferença, esclarece o sr. dr. Pimenta:—é que os senhores querem uma monarquia hereditaria e eu quero um regimen, tal qual o vosso, mas em que o chefe do Estado escolheria o seu successor, sendo essa escolha rectificada e fiscalizada por um conselho adrede; um regimen onde se substituisse a hereditariedade pura e simples pela hereditariedade sociocratica; um regimen ideal, emfim, que só o sr. dr. Alfredo Pimenta deseja, no seu isolamento do Dafundo e no seu religioso convívio do filosofo da rua Monsieur-le-Prince. . . Valha-nos Deus! Já disse atraz que não quero discutir fantasias; mas não resisto a observar que se a hereditariedade tem caprichos, quantos caprichos, quantas influencias extranhas não impenderiam sobre a escolha do Chefe, ou sobre a rectificação do Conselho; acontecendo ainda que a hipotese do sr. dr. Pimenta não remediaria todos os males que provêm do principio essencialmente republicano da periodicidade das funções presidenciaes, porque apenas aumentaria de quatro ou seis annos para dez ou vinte o periodo do exercicio do poder, dado que é de sessenta annos a existencia normal d'um homem e suposto que o chefe não teria menos de quarenta annos ao ser chamado a governar. . . Mas, repito, não vale a pena discutir uma hypotese que o proprio sr. dr. Pimenta reputa irrealisavel. Basta notar mais uma vez que só dentro da monarquia se encontram realisadas as bases essenciaes da solução aconselhada por S. Ex.^a, e que são: — Ditadura no poder central, diferenciação regionalista e autonomia municipal.

Se só assim a crise nacional pôde resolver-se, hemos de concordar, sr. dr. Alfredo Pimenta, que dentro da Republica a crise não comporta solução, já porque aquelas bases são antagonicas com a propria essencia do regimen republicano, já porque, logicamente, ninguem pensa em efectivá-las.

Mas o mesmo se não poderá dizer-se da Monarquia, não só porque a Monarquia assenta exatadamente sobre aqueles três principios, mas tambem porque n'essa tendencia logicamente se move o nosso movimento de reacção. Desafio o sr. dr. Pimenta a que me prove o contrario!

Diz o meu amigo que a Monarquia nada oferece á Nação que não seja possível dentro da Republica. Julgo ter demonstrado plenamente absolutamente, que lhe oferece tudo, em harmonia com as necessidades nacionaes, expressas na carta do sr. dr. Pimenta. Quanto ao pessoal novo, nada direi: — *o futuro falará por nós* e falaria tambem pelo sr. dr. Pimenta se ele, n'esta hora decisiva, quizesse abrir-nos completamente o seu grande coração e a sua nobre intelligencia.

A Republica tinha pessoal novo; mas nós vimos como esse pessoal novo se inutilisou, por efeito, não tanto da sua incompetencia, como dos erros originaes do regimen que serviu. O pessoal novo da Monarquia pouco nos pôde interessar; uma águia metida n'um caixote é sempre uma quantidade inutil: aos *génios* do partido republicano aconteceu-lhes o mesmo...

Já vão longos estes commentarios; certo de que respondi cabalmente a todas as observações do sr. dr. Alfredo Pimenta, eu não tenho, contudo, a pretensão de o haver convencido. Espero simplesmente ter acordado no seu espirito duvidas mais fundas sobre as suas duvidas. O sr. dr. Alfredo Pimenta não é já republicano. E' um desiludido sem coragem para confessar a sua desilusão; e agora me acorrem á memoria estas nobres palavras com que Bourget termina a sua peça *Le Tribun*:
...alors, si c'est une vérité, et que l'aie méconnue, je le dirai hautement. C'est notre heroïsme, à nous, les hommes d'idées, de les aimer assez, les idées, pour oser crier, quand nous nous sommes trompés: «Je me suis trompé!»

Post-Scriptum: — Por motivos de força maior, sae este numero do *Aqui d'El-Rei!*... bastante atrasado. O autor tentará readquirir o tempo perdido e a benevolencia dos leitores fazendo com que o numero seguinte seja posto á venda dentro d'esta semana.

Automoveis Sizaire et Naudin

(INDUSTRIA FRANCEZA)

Um torpedo completamente equipado..... 1.0858

Ressano & C.^a

RUA RODRIGUES DA FONSECA. 34 E 36

◆ LISBOA ◆



A aparecer em Coimbra, brevemente:

"PATRIA NOVA,"

Semanario de propaganda monarchica

A sair brevemente:

"NAÇÃO PORTUGUEZA,"

Revista de doutrinarismo monarchico

VAGO

Dirigir os pedidos de assinaturas e mais correspondencia ao autor para a

Rua da Sociedade Farmaceutica, — 15 2."

